

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE  
EDIÇÃO 2012

CLAUDIA INÊS HAMERSKI

**A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA COMO UM PROCESSO  
PEDAGÓGICO**

PORTO ALEGRE

2013

CLAUDIA INÊS HAMERSKI

# **A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA COMO UM PROCESSO PEDAGÓGICO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Pedagogia da Arte da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Pedagogia da Arte.

Orientador:  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana Gruppelli Loponte

PORTO ALEGRE

2013

## **AGRADECIMENTOS**

Obrigada!

Aos meus pais pelo estímulo e incentivo a sempre ir adiante.

Às irmãs Silvana e Bruna, parceiras de vida e aprendizado, de conquistas e de maus tempos. E ao mano Juliano pelas trocas virtuais de experiências e possibilidades.

A toda a família que me dá diariamente o privilégio de ter o seu carinho e presença afetuosa, mesmo à distância.

Aos colegas do Santander Cultural, amigos, parceiros e presença constante nas conquistas a cada descoberta, a cada reflexão e discussão que surge em nossa busca diária no trabalho da Ação Educativa.

Com carinho especial à Maria Helena Gaidzinski, mestra na ação de mediar e criar pontes.

À Giovana Ellwanger e Marcelo Eugênio, amigos, colegas de curso e de Ação Educativa pelas trocas, pela paciência, pelo estímulo quando era “muita coisa a fazer” e pelo olhar atento aos meus deslizes ortográficos e tantas dicas.

Márcio e Marlene, pela parceria de sempre, colegas de Ação Educativa e de trocas, reflexão e constante reinvenção.

À minha orientadora Luciana Gruppelli Loponte pelo olhar atento e a orientação pontual trazendo luz aos meus devaneios e ao mesmo tempo permitindo voos.

Aos professores e todos envolvidos na realização do curso por oportunizar uma especialização com qualidade e seriedade.

Aos colegas de curso pela parceria que tivemos, nas reflexões e momentos de descontração, entre risos e tratados.

Aos grupos visitantes do Santander Cultural, aos professores, alunos e equipe pedagógica do Colégio Israelita Brasileiro e a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização dessa pesquisa.

A todos os interessados e envolvidos em ensinar e aprender arte, visitá-la e mantê-la viva, pois essa pesquisa é fruto de experiências vividas e compartilhadas em contato com a arte.

*“Basicamente, o que eu estou tentando fazer como artista é levar uma vida interessante. Pelo menos é o que eu vivo dizendo a mim mesmo. Muitas vezes, isso pode parecer penoso, mas acho que é exatamente o que eu tenho feito.”*

Harrell Fletcher

## RESUMO

Em consequência de minha atuação na educação formal e não-formal como artista e consumidora de arte, em virtude de um olhar atento às exigências da arte contemporânea para com seu público e às necessidades dos professores com relação à fruição e experiencição da arte em espaços culturais, apresentou-se como necessidade a reflexão acerca das ferramentas oferecidas por estes espaços para os educadores. A partir destas constatações desenvolvi o presente estudo, no qual são abordadas questões referentes à relevância do contato com a obra de arte, a experiência em espaços culturais, a mediação incluindo o papel do mediador de espaços culturais e do professor, relato de uma experiência a partir de uma prática e considerações a respeito do papel do mediador diante de uma proposta de um professor autor. Os estudos estão apoiados em autores provenientes dos campos da psicologia e educação (Fernando Hernández), história da arte (Anne Cauquelin, Arthur Danto), filosofia (Jonh Dewey), arte e educação (Harrell Fletcher) e mediação cultural (Ana Mae Barbosa e Miriam Celeste).

Palavras-chave: Mediação. Experiência Artística. Formação de professores.

## LISTAS DE IMAGENS

Imagem 1 - Mediação a um grupo de estudantes em visita ao 4º FestFoto POA (Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre), realizado no Santander Cultural de 7 de abril a 2 de maio de 2010.....	13
Imagem 2 - Proposta em ação e resultado final, o livro <i>História da Arte – Dicionário de certezas e intuições</i> , capa e contracapa. Programa de Residências Artistas em Disponibilidade, Projeto Pedagógico - 7ª Bienal do Mercosul, 2009.....	16
Imagem 3 - Página do livro <i>Coleção Vicinal Caxias do Sul</i> , onde aparecem os curadores da mostra e os colecionistas e à direita capa do livro da residência. Programa de Residências Artistas em Disponibilidade, Projeto Pedagógico - 7ª Bienal do Mercosul, 2009.....	17
Imagem 4 – <i>Brillo Boxes (Caixas de Brillo)</i> . Andy Warhol, 1964.....	19
Imagem 5 – <i>Rue de bicyclette (Roda de Bicicleta)</i> . Marcel Duchamp, 1913.....	20
Imagem 6 - Grande <i>hall</i> Santander Cultural, recepção a grupos na mostra <i>Italian Genius Now Brasil</i> , de 6 de junho a 12 de agosto de 2012.....	22
Imagem 7 - Mediação a um grupo de estudantes reunidos junto ao espaço da Biblioteca montada no grande <i>hall</i> do Santander Cultural. Mostra Horizonte Expandido, 2010.....	24
Imagem 8 - Mediação a um grupo em visita à mostra <i>Miguel Rio Branco - Ponto Cego</i> , que aconteceu de 4 de setembro a 11 de novembro de 2012 no Santander Cultural.....	28
Imagem 9 - Encontro de Formação para Professores Mostra <i>Italian Genius Now Brasil</i> com o professor Carlo Franzato (UNISINOS) e à direita fala da Coordenadora da Ação Educativa do Santander Cultural, Maria Helena Pinto Gaidzinski, para um grupo de professores da cidade de Caxias do Sul.....	30
Imagem 10 - Mediação de um professor com seu grupo na mostra <i>O Triunfo do Contemporâneo – 20 anos do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande de Sul</i> , realizada de 6 de março a 22 de abril de 2012 no Santander Cultural.....	34
Imagem 11 - Mediação com um grupo de estudantes em visita a mostra <i>Italian Genius Now Brasil</i> , realizada de 6 de junho a 12 de agosto de 2012, no Santander Cultural. Na imagem o grupo joga o <i>Jogo do Design</i> desenvolvido pela equipe educativa.....	36

Imagem 12 - Mediações a grupos de estudantes em visita as mostras <i>Italian Genius Now Brasil</i> e <i>Miguel Rio Branco Ponto Cego</i> , Santander Cultural, 2012.....	38
Imagem 13 - Mediação ao grupo de estudantes do terceiro ano do Ensino Fundamental do Colégio Israelita Brasileiro, com o qual trabalhei no início do ano de 2012, em visitação à mostra <i>Italian Genius Now Brasil</i> . Santander Cultural, 2012.	43
Imagem 14 - Alunos das turmas T31 e T32, Colégio Israelita Brasileiro, trabalhando em ateliê.....	44
Imagem 15 - Discussões para a realização da curadoria.....	45
Imagem 16 - Resultado da seleção feita pelo grupo para a organização do mural..	45
Imagem 17 - Trabalhos sobre cheiros agradáveis e desagradáveis em suporte de caixa de tetrapac e tinta têmpera.....	46
Imagem 18 - Trabalhos e montagens desenvolvidos a partir das coleções.....	46
Imagem 19 - Trabalhos e montagens desenvolvidos a partir das coleções, T32.....	47
Imagem 20 - Trabalho com desenho explorando, escala, ponto de vista, luz e sombra, material das coleções.....	47
Imagem 21 - Jogo do <i>Design</i> elaborado e desenvolvido com o grupo anteriormente a visita ao Santander Cultural.....	48
Imagem 22 - Visita a exposição <i>Italian Genius Now Brasil</i> , Santander Cultural.....	48
Imagem 23 - Proposta na qual o grupo pensou em novos usos para o prendedor de roupas.....	49

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>EXPERIÊNCIAS ANTERIORES.....</b>	<b>11</b>
<b>1. O CONTATO COM A OBRA DE ARTE.....</b>	<b>13</b>
<b>Breves apontamentos históricos.....</b>	<b>17</b>
<b>A comunicação dialógica.....</b>	<b>22</b>
<b>2. A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA NO MUSEU/ GALERIA/ CENTRO CULTURAL.....</b>	<b>28</b>
<b>Primeiro contato.....</b>	<b>28</b>
<b>A mediação: experiência do mediador/ experiência do professor.....</b>	<b>34</b>
<b>A vivência da mediação: experiência do mediador.....</b>	<b>38</b>
<b>3. OLHAR SOBRE UMA PRÁTICA.....</b>	<b>43</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

Com frequência, na prática como mediadora em um espaço de arte não formal, no caso específico do Santander Cultural<sup>1</sup>, evidenciam-se as dificuldades que sentem os professores em adentrar nas proposições da arte contemporânea, do modo como esperam que seus alunos façam. Uma possível insegurança que as proposições de artistas da contemporaneidade trazem que, não raro, paira entre os próprios agentes do campo artístico, também contagia os professores. Com o propósito de refletir acerca de estratégias para envolver e tornar mais agradável e fluído o contato/experiência do professor com a arte contemporânea e, conseqüentemente, possibilitar que este possa desenvolver um papel de mediador junto ao seu grupo de alunos, pretendo analisar situações de mediações nas exposições do Santander Cultural, bem como as ferramentas disponibilizadas ao professor.

A presente pesquisa aborda aspectos relacionados à experiência artística - entendida aqui como o contato que o público tem com a obra de arte e como a frui - no âmbito institucional de um centro cultural, relacionando a prática educativa do professor em sala de aula e o deslocamento para espaços de cultura, e como esse professor se utiliza do dispositivo “exposição de arte” para desenvolver sua prática pedagógica. Busca-se pensar as instituições culturais como possíveis extensões da sala de aula e instrumento para estimular o contato com a arte, de modo particular as aproximações com a arte contemporânea. Os estudos estão centrados nas experiências com a mediação no Santander Cultural e minha atuação como professora.

O corpus da pesquisa está constituído a partir da análise de fichas de agendamento e avaliações de visitas e encontros de formações para professores entregues aos educadores e grupos escolares que visitam o Santander Cultural; observações de visitas de grupos escolares ao Santander Cultural; e relatos de uma experiência como professora de arte no Colégio Israelita Brasileiro durante um breve período (de abril a julho de 2012) vivenciando o trabalho em sala de aula e

---

<sup>1</sup> Santander Cultural, Centro Cultural localizado no centro de Porto Alegre atua na área da cultura desenvolvendo atividades de artes visuais música, cinema e reflexão. (Disponível em: < <http://www.santander-cultural.com.br> >. Acesso em 27 set. 2012)

posteriormente estendendo ações desenvolvidas com o grupo para a experiencição no espaço do Santander Cultural.

Como base teórica para a pesquisa inicio minha proposição a partir do pensamento sobre mediação da pesquisadora Ana Mae Barbosa (2011), que a respeito do uso dos espaços de exposições pelas instituições de educação formal propõe que:

Museus são laboratórios de conhecimento de arte, tão importantes para aprendizagem da arte como os laboratórios de química o são para a aprendizagem de química. Compete aos educadores que levam seus alunos aos museus estender nas oficinas, nos ateliês e salas de aula o que foi aprendido e apreendido no museu. (BARBOSA, 2011, p. 63).

A afirmação de Ana Mae Barbosa se faz relevante para compreender o sentido possível da visita ao Centro Cultural, que não raramente é direcionada pelos educadores como forma de entretenimento para seus educandos.

Com frequência observo em minha atuação como mediadora no Santander Cultural a chegada de grupos de estudantes sem a compreensão tanto do local a ser visitado quanto do conteúdo da exposição, e até mesmo sem o conhecimento de que estão indo para uma exposição de arte. A recorrência de situações como essa me impulsionaram a investigar mecanismos para que os educadores possam apropriar-se da experiência da visita à exposição de arte de modo que esta venha a colaborar com a prática do conteúdo de sala de aula e/ou mecanismo de ampliação dos estudos que propõem em suas aulas.

Através de autores como Ane Cauquelin (2005) e Arthur Danto (2006), são feitos alguns apontamentos sobre o atual momento da arte dita contemporânea e os fenômenos que colaboram para este estado da arte.

O caderno de mediação da 8ª Bienal do Mercosul apresenta uma série de textos abordando propostas e situações diversas de mediação, o olhar do mediador, do professor e exemplos de práticas. A partir destas leituras é traçado um panorama sobre o mediar, tomando esse como uma prática concernente a todo profissional que atua junto ao público. O papel de mediador não está legado apenas ao profissional de espaços culturais, por vezes denominado monitor ou guia. De modo igualmente importante destaco a relevância de os professores utilizarem os espaços culturais em benefício dos estudos em sala de aula, possibilitar aos seus alunos o

contato direto com o objeto de arte e, deste modo, gerar curiosidade e estímulos à investigação e produção de sentidos para a obra de arte.

A partir de algumas reflexões do artista e professor Harrell Fletcher<sup>2</sup> no texto “Algumas ideias sobre Arte e Educação” (2009) e o pensamento do filósofo norte-americano John Dewey, no livro “Arte como experiência” (2010), busco refletir acerca da postura de mediação que prioriza a experiência com a obra de arte.

Os fundamentos para conhecer o professor frequentador do espaço do Santander Cultural serão coletados em materiais de conhecimento e avaliação utilizados no momento do agendamento de visitas, durante os encontros de formação para professores e avaliações de visitas mediadas. Pretendo, dessa forma, perceber que público é esse, qual sua formação e quais suas reais expectativas e necessidades ao deslocar-se para o Centro Cultural.

Como relato de uma experiência em sala de aula seguida de visita ao espaço de exposição, utilizo o trabalho que desenvolvi com os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental no Colégio Israelita a partir de um projeto na disciplina de artes, valendo-me da visita ao Santander Cultural como laboratório para as ações propostas em aula. Para apresentar essa proposição utilizo registros fotográficos do processo de desenvolvimento do projeto intitulado *Lixo também pode ser arte*, imagens de trabalhos realizados pelos alunos envolvidos e registros das visitas ao Santander Cultural.

Após estas reflexões pretendo pensar o papel da mediação e do mediador, bem como dos meios oferecidos para possibilitar o trabalho em sala de aula em conjunto com a ação desenvolvida na exposição.

Tenho a convicção de que esse estudo constituirá material fértil para pesquisadores, educadores e profissionais interessados nos temas referentes a arte, educação, mediação e circulação do conhecimento em espaços de arte.

---

<sup>2</sup> Artista e professor de Artes na Portland State University, Oregon, EUA. Trabalhou individualmente e como colaborador em uma série de projetos interdisciplinares e engajados socialmente por mais de quinze anos. Na 6ª Bienal do Mercosul, participou como artista da Mostra Zona Franca. Reside em Portland, EUA.

## EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

O presente estudo é oriundo de minhas experiências profissionais no âmbito da educação a partir de uma relação que se iniciou no ano de 2000 com o ingresso no magistério. Já nesse período me inquietava a estruturação e condução do ensino formal pouco voltado para a prática dos conteúdos didáticos e a experiência de campo. Após cinco anos de atuação, em consequência de estudos na graduação em Artes Visuais e contato com outros sistemas de educação, iniciei o trabalho voltado para o ensino não-formal.

Como parte dessa nova etapa, o trabalho com a mediação na 4ª Bienal do Mercosul desvelou outras formas de interagir, dialogar e produzir conhecimento a partir da experiência, o contato direto entre o público e a obra de arte. A partir de então se sucederam atuações em centros culturais nas equipes educativas. Inicialmente no Instituto Moreira Sales<sup>3</sup> e posteriormente seguiu-se uma trajetória nas Bienais do Mercosul<sup>4</sup>, trabalhando na mediação, assistência de supervisão de mediação, como artista do Programa de Residências Artistas em Disponibilidade e, recentemente, na 8ª edição como tutora do Curso de Formação de Mediadores através do sistema Moodle na modalidade do Curso oferecida à distância (EAD) e como supervisora de mediação. As ações aconteceram paralelamente ao trabalho desenvolvido na Equipe da Ação Educativa do Santander Cultural de 2009 até o presente momento.

Essa trajetória pelo campo da arte, voltada para a educação não formal, ocorreu em concomitância com a formação em Artes Visuais nos cursos de Bacharelado em Desenho e História Teoria e Crítica de Arte (UFRGS) e a atuação como artista visual.

A partir do contato com esses diferentes modos de atuação na educação, especificamente no ensino da arte, algumas questões foram tornando-se cada vez mais pulsantes e, atualmente, são objeto de reflexão, com especial ênfase para a instância que se refere à mediação. De modo destacado, interesse-me pela forma

---

<sup>3</sup> Instituto Moreira Sales, em Porto Alegre a Galeria de Arte IMS esteve aberta ao público de 2003 a 2009, localizada no Shopping Bourbon Country. Site: [www.ims.uol.com.br](http://www.ims.uol.com.br).

<sup>4</sup> A Bienal do Mercosul é um evento na área das artes visuais iniciado no ano de 1997, realizado nos anos ímpares é promovido pela Fundação Bienal do Mercosul com o intuito de colocar o Brasil como referência internacional nas artes visuais e, através da arte, promover a integração dos países que fazem parte do Mercosul. (Disponível em: < <http://bienalmercosul.org.br/> >. Acesso em: 27 set. 2012).

como as visitas às exposições são dirigidas pelos professores que conduzem seus estudantes aos espaços expositivos. Para os limites desta pesquisa, o estudo está centrado nas visitas ocorridas no Santander Cultural.

Inicialmente, pretende-se conhecer o professor visitante deste centro cultural. Compreender de que lugar fala para pensar motivações que o levam a frequentar o espaço.

## 1. O CONTATO COM A OBRA DE ARTE



5

Ao lembrarmos de nossas experiências formativas relacionadas à arte é comum a memória das atividades centradas nas práticas de ateliê, aprendizagem do desenho e procedimentos pictóricos, e a realização de atividades com o objetivo de desenvolver determinadas habilidades manuais e destrezas.

Segundo Hernández (2000, p. 38), esse caráter prático e manual é o que levou a disciplina de arte a ser considerada na educação escolar como um saber informal de pouca importância e não um campo de conhecimentos que possibilitam ao homem o contato com o passado, a realidade presente e um saber de si mesmo.

Nesse sentido, é possível considerar premissa para que se possa trabalhar com arte e explorá-la como mecanismo de desenvolvimento do ser humano, do ser social e criativo, potencializando o que já conhece através da investigação e

---

<sup>5</sup> Imagem 1 - Mediação a um grupo de estudantes em visita ao 4º FestFoto POA (Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre), realizado no Santander Cultural de 7 de abril a 2 de maio de 2010.

Fonte: Ação Educativa Santander Cultural.

estímulo, que o “propositor” - aqui tido como a figura do professor - tenha a sua experiência com arte presente. O fato de compreender como se deu a sua formação e constantemente alimentá-la, questioná-la e confrontá-la com outras experiências e ferramentas de aperfeiçoamento e atualização de conhecimentos que estão à disposição na atualidade caracteriza-se como elemento a somar na busca pelo diálogo e construção de sentido tanto para as propostas que são desenvolvidas em grupo nas aulas de arte quanto como indivíduo em contato com o mundo.

De acordo com Hernández (2000), quando um estudante desenvolve uma atividade vinculada ao conhecimento artístico muitos esquecem que esta:

[...] não só potencia uma habilidade manual, desenvolve um dos sentidos (a audição, a visão, o tato) ou expande sua mente, mas também, e sobretudo, delinea e fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar, etc. o que lhe cerca e também a si mesmo. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 42)

Muitos elementos na fala, condução e modo de pensar do “sujeito professor” são oriundos de sua formação, o “sujeito aluno”. Nesse sentido, é de extrema relevância compreender e analisar como se deu essa formação e perceber o quanto dela reproduzimos em nosso fazer, nossa atuação como professores.

Na prática como educadores, com frequência incorremos em deslizes que, em outro momento, na situação de alunos, julgávamos ineficazes. Aulas meramente expositivas, assuntos impostos, o conhecimento que é “passado”. E é possível passar conhecimento a alguém? Ou o conhecimento é algo a ser construído na experiência e no diálogo, na troca e vivência de situações que produzem como resultado esse conhecimento?

Hernández (2000) nos faz refletir sobre a distância do que é ensinado na escola e os referenciais culturais cotidianos dos estudantes. Ao visarmos um modelo de educação que prioriza o diálogo e pensamento crítico é importante perceber que espaço damos em nosso fazer à manifestação dessas potências e, de igual modo, avaliar o espaço que nos foi dado ou não em nosso aprendizado. O conteúdo que é dirigido ao nosso público pode ser gerador de discussões e produtor ou não de conhecimentos. Nesse sentido, é importante avaliar o que é oferecido ao estudante. O que utilizamos em nossa prática condiz com a realidade a qual esse jovem pertence, dialoga com o mundo e as dificuldades que enfrenta em seu cotidiano? E

igualmente, embora repercutam na comunidade e tenham a participação ativa dos estudantes, algumas ações merecem atenção por parte do educador quanto ao seu real potencial de aprendizado para os estudantes, pensar o porquê de se propôr e desenvolver as ações e o que os estudantes aprendem deles e do mundo com essas propostas.

No texto “Entrevista – Paulo Freire: uma discussão sobre o diálogo “ de Tom Finkelpearl (2001)<sup>6</sup>, constante no Caderno de Mediadores da 8ª Bienal do Mercosul, o autor aborda a discussão de que “toda comunicação é dialógica”. Pensamento crescente cada vez mais entre artistas e pensadores da arte contemporânea, pois como afirma Finkelpearl:

Através dessa abordagem, é possível uma arte crítica que não esteja baseada no conflito. Ao adotar o diálogo e se dispor a criar um processo no qual o poder seja compartilhado o artista poderá dar uma nova orientação ao processo (FINKELPEARL, 2001, p.71).

Finkelpearl (2001) aponta uma postura dialógica também na produção artística, no pensamento do artista. Este estabelece, através de seu trabalho, uma relação com o público, e muitos são os trabalhos que apontam para essa postura inclusiva ao invés de hermética e exclusiva. Na atualidade são comuns produções artísticas que visam à colaboração e à efetiva participação do público para que a obra aconteça, experiências que promovem a troca, a partilha e em alguns casos apontam para proposições bastante didáticas.

Em Bienais, ações dessa natureza afloram com mais ênfase, como as ocorridas na 7ª Bienal do Mercosul (2009) dentro do Programa de Residências do Projeto Pedagógico Artistas em Disponibilidade, que trouxe experiências como as da artista Diana Aisenberg, que propôs a criação de um dicionário *Historias del Arte – Diccionario de certezas e intuiciones*. A artista aplicou em escolas públicas de Porto Alegre uma versão de seu projeto *Histórias da Arte, dicionário de certezas e intuições*, propondo criar um dicionário de definições coletivas sobre as palavras “grito” e “escuta”, uma referência ao título da 7ª Bienal.

---

<sup>6</sup> Tom Finkelpearl, Diretor Executivo do Queens Museum of Art, Nova Iorque/EUA. Trabalhou como curador e gerente de programação do P.S. 1 Contemporary Art Center, em Nova Iorque; foi diretor do Percent of Art Program no New York City Department of Cultural Affairs, e diretor executivo do Program at Skowhegan School of Painting and Sculpture, Maine/EUA.

Imagem 2 - Proposta em ação e resultado final, o livro *História da Arte – Dicionário de certezas e intuições*, capa e contracapa. Programa de Residências Artistas em Disponibilidade, Projeto Pedagógico - 7ª Bienal do Mercosul, 2009.



Fonte: imagens do livro *História da Arte – Dicionário de certezas e intuições*.

O dicionário foi produzido em colaboração com estudantes e professores, através de oficinas artísticas em sala de aula e o envio por e-mail de definições para as palavras propostas por Diana. A proposta era que professores e alunos criassem formatos de trabalho realizados em diversos meios e suportes, e que resultassem como construções de sentido sobre a palavra eleita<sup>7</sup>. Outra ação que teve contato direto com a comunidade foi do artista Gonzalo Pedraza, com a obra *Colección Vecinal*. Para a realização do trabalho Pedraza esteve atuando com um grupo na cidade de Caxias do Sul e batia à porta das pessoas com a pergunta: “Você me empresta a sua obra de arte?”. Após a reunião das obras emprestadas o artista, juntamente com a comunidade, elaborou uma curadoria e montagem de uma exposição. Nesse movimento, Pedraza constrói junto ao seu público a compreensão daquilo que pode ser considerado obra de arte bem como tudo o que envolve uma exposição. É possível ver manifesto *in loco* a construção do significado para a arte e curadoria.

<sup>7</sup>Disponível no site da Fundação Bienal do Mercosul, no link: <[http://www.fundacaobienal.art.br/novo/index.php?option=com\\_noticia&Itemid=5&id=842](http://www.fundacaobienal.art.br/novo/index.php?option=com_noticia&Itemid=5&id=842)>. Acesso em: 3 nov. 2012.

Imagem 3 - Página do livro *Coleção Vicinal Caxias do Sul*, onde aparecem os co-curadores da mostra e os colecionistas e à direita capa do livro da residência. Programa de Residências Artistas em Disponibilidade, Projeto Pedagógico - 7ª Bienal do Mercosul, 2009.



Fonte: livro *Coleção Vicinal Caxias do Sul*.

Outro fator importante para que se possa estabelecer uma relação dialógica na busca pela construção do conhecimento diz respeito a estar munido de algumas ferramentas, sobretudo no que concerne à arte contemporânea. Assim, convém retomar momentos significativos para a história da arte e sua compreensão, visto o momento atual, o qual seja aquele em que o campo da arte apresenta manifestações plurais de áreas do saber diversas e a arte representa, cada vez mais, algo a ser desvendado pelo público. Para esse breve histórico utilizo as considerações dos teóricos de arte Arthur Danto e Anne Cauquelin.

### **Breves apontamentos históricos**

Na contemporaneidade, como as obras de arte comunicam? Existe relação com o público que as consome e as visita? Que relação é essa?

Com frequência nos deparamos com trabalhos de artistas que contemplam mais de uma linguagem e igualmente circulam por diversas áreas do conhecimento. Assim, as pesquisas em arte partem da ciência, da geografia, da química, da literatura e de diversas áreas para apontar assuntos e formas de ver e experimentar o mundo e discutir sobre seus efeitos. Danto (2006), aborda a situação contemporânea do “tudo é possível” relacionando as possibilidades de expressão à realidade histórica de cada época e suas “formas de vida”. O sentido em que tudo se faz possível é aquele em que se pode apresentar um trabalho em arte visual, de maneira que qualquer coisa visível pode ser um trabalho em arte visual. Em que todas as formas são nossas. Em um certo sentido, as obras expressam nosso tempo.

Na atuação da mediação nos deparamos frequentemente com questionamentos acerca do que seja arte. Perguntas como: “Mas isso é arte?”, “Porque isso é arte?” ou “Mas isso qualquer um pode fazer!?” são recorrentes sobretudo entre grupos de adolescentes e jovens muito questionadores e pouco abertos ao tempo necessário para o olhar. Perguntas como essas se tornaram pertinentes a partir do momento situado por Danto na História da Arte como o fim das narrativas na história da arte.

Com o fim das narrativas mestras que definiram a arte tradicional e a arte moderna, Danto (2006) situa o “fim da História da Arte” marcando o desaparecimento do puro, pois os artistas passaram a utilizar mídias distintas em suas criações.

O ponto que assinala o fim da arte para Danto está localizado em uma experiência ocorrida em 1964 em uma exposição de Andy Warhol<sup>8</sup> na Stable Gallery. Na ocasião Warhol impediu o acesso à galeria pela entrada principal obrigando o público a entrar por uma porta secundária. Ao entrar os visitantes se deparavam com uma grande pilha de *Caixas de Brillo*, caixas de madeira serigrafadas que reproduziam as caixas de papelão de sabonetes Brillo. A organização dava ao público a sensação de estar entrando em um depósito.

---

<sup>8</sup> Andy Warhol, (1928-87). Pintor, artista gráfico e cineasta norte-americano. Conhecido como o personagem mais controverso da arte pop norte-americana, ascendeu em 1962 com as serigrafias das sopas Campbell's e esculturas de caixas de sabonetes Brillo. O processo serigráfico que usava permitia a reprodução de um número indefinido de imagens. Warhol opunha-se ao conceito de obra de arte como peça de artesanato, feita à mão, expressando a personalidade do artista (CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2011).

Imagem 4 – *Brillo Boxes (Caixas de Brillo)*. Andy Warhol, 1964.



Fonte: < <http://fabianodevide.blogspot.com.br/> >. Acesso em: 23 set. 2012.

Na atualidade, ao visitante assíduo de exposições e Bienais já não lhe causa espanto deparar-se com carros cobertos de vidros como a obra do artista Betsabeé na 4ª Bienal do Mercosul ou veleiros feitos de farrapos, papelão e plástico como os do artista Arthur Bispo do Rosário em mostra no Santander Cultural no início de 2012. No entanto, a grande maioria do público sente-se intrigada ou até mesmo insultada com proposições dessa natureza. O que fica perceptível é o despreparo e desinformação, sintomas de uma formação em arte carente das ferramentas primordiais para o acesso à história da arte e conseqüentemente o que se apresenta no momento atual. Dessa forma, a comunicação com a obra passa a necessitar de mediadores, que se apresentam na figura do curador, dos textos vinculados à exposição e as ações educativas desenvolvidas em centros culturais que abrigam mostras de arte contemporânea.

Ao retomar a proposição de Warhol entendemos que essa questionava a aparência das obras de arte. Até o século XX, acreditava-se que as obras de arte poderiam sempre ser identificadas como tais. Agora, o problema filosófico era explicar porque eram obras de arte. “(...) nada precisa marcar externamente a diferença entre a Brillo Box de Andy Warhol e as caixas de Brillo do supermercado” (DANTO, 2006, p. 16). A arte conceitual mostrou que nem mesmo seria necessário ser um objeto palpável para ser uma obra de arte. Para “(...) definir o que era arte seria preciso voltar-se para a experiência do sentido para o pensamento, a filosofia” (DANTO, 2006, p. 16).

No momento em que a arte volta-se para o pensamento do artista e as proposições filosóficas, os critérios tornam-se menos evidentes e os papéis dos agentes do campo da arte começam a mudar. O artista pode também ser curador, o curador pode ser também produtor, o produtor pode também exercer o papel de crítico e assim alternam-se as funções.

Anne Cauquelin (2005) nomeia Andy Warhol e Marcel Duchamp de embreantes<sup>9</sup>. Segundo a autora, os embreantes são as figuras que revelam indícios de uma nova realidade. Em linguística, são unidades que têm dupla função, remetem ao enunciado e ao enuniador que a anunciou (CAUQUELIN, 2005, p 87).

Imagem 5 – *Roue de bicyclette (Roda de Bicicleta)*. Marcel Duchamp, 1913.



Fonte: < <http://leonardocardoso.me/tag/teaching/> >. Acesso em: 23 set. 2012.

Dessa ótica, Marcel Duchamp<sup>10</sup> é a figura que adiciona à arte o questionamento referente à sua legitimação. Ao introduzir em uma exposição de arte um objeto comum, a *Roda de Bicicleta* (1913), Duchamp chama a atenção para o

<sup>9</sup> “Ao isolarmos aqui os ‘embreantes’, estamos fazendo referência a esses dois modos temporais: uma mensagem recebida no presente e seu enunciador – que foi seu autor -, e desse modo nos referimos à conexão que se operou entre passado e presente mas também ao jogo duplo dessas unidades colocadas no limite do objetivo (a mensagem enviada) e do subjetivo (a singularidade de quem anunciou)” (CAUQUELIN, 2005, p. 88).

<sup>10</sup> Marcel Duchamp, (1887-1968). Francês, artista e teórico da arte. Duchamp é visto como uma das figuras mais influentes da arte do século XX, devido à originalidade e fertilidade de suas ideias. Foi líder do movimento Dadá com Picabia em Nova Iorque. Em 1912, montando uma roda de bicicleta sobre um banquinho de cozinha, inventou o *ready-made* (CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2011).

fato de o local de exposição ser o legitimador do objeto de arte. Qualquer coisa poderia então ser uma obra de arte. O autor desaparece como artista-pintor, ele é agora aquele que mostra. Em Duchamp, há questionamentos sobre o estatuto da obra de arte, o local como legitimador, a autoria e a aparência estética do objeto de arte. Duchamp propõe o deslocamento do objeto e assim lhe imprime o estatuto de obra de arte.

Em Warhol, além do questionamento à aparência da obra de arte, Cauquelin (2005) ressalta a repetição em série. Característica do sistema em rede, a repetição propõe a saturação através da duplicação da mensagem e sua distribuição com maior número possível de entradas. Warhol usará imagens de desastres, catástrofes, objetos de consumo comuns, como a sopa Campbell's, Coca-Cola, estrelas e ídolos do público, tornando esses objetos sensacionais pela dimensão e repetição.

Ao analisarmos o momento da arte a partir dessas considerações, convém ponderarmos sobre a necessidade do distanciamento para a leitura de cada período da arte. Continuamos tão imersos nas questões trazidas pela arte moderna que se torna difícil a compreensão dos acontecimentos na arte contemporânea (CAUQUELIN, 2005). Este breve histórico pretendeu salientar duas mudanças pontuais que estão relacionadas ao que conhecemos como produção de arte na atualidade. Com a introdução dos *ready-mades*<sup>11</sup> por Marcel Duchamp e a noção da produção em série e repetição de objetos comuns ocorrem mudanças nos critérios e os modos de ver e julgar a arte. Em uma atualidade plural, que permite ao artista a investigação em um campo ampliado, que contempla tanto as formas do presente quanto do passado como possibilidades à criação artística, os critérios de avaliação não são estanques ou categoricamente definidos. Na contemporaneidade, cada vez mais se alternam os papéis e os legitimadores da obra de arte, compreendidos na figura dos espaços culturais, salões, galerias, críticos, curadores, academia.

A diluição dos critérios de avaliação e legitimação da obra de arte no momento contemporâneo contribui para a resistência do público no que tange à

---

<sup>11</sup> O termo é criado por Marcel Duchamp (1887 - 1968) para designar um tipo de objeto, por ele inventado, que consiste em um ou mais artigos de uso cotidiano, produzidos em massa, selecionados sem critérios estéticos e expostos como obras de arte em espaços especializados (museus e galerias) (Definição segundo a Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais. Disponível em: < <http://www.itaucultural.org.br> >, Acesso em: 23 set. 2012).

fruição da arte, fato que colabora para seu afastamento dos eventos de arte contemporânea, pois não encontra parâmetros para avaliar ou compreender a arte.

Nesse momento, faz-se indispensável a presença de um mediador. Entendamos aqui como mediador não apenas o profissional de espaços culturais, mas também o próprio professor, os gestores, o curador, o museógrafo, museólogo, enfim, todos os agentes envolvidos na concepção e apresentação da obra. Esses profissionais são responsáveis pela forma como o público irá receber a mensagem. Assim sendo, a postura de diálogo é uma tomada de postura que pode ou não ser premissa dos promotores das exposições.

### **A comunicação dialógica**

Imagem 6 - Grande *hall* Santander Cultural, recepção a grupos na mostra *Italian Genius Now Brasil*, de 6 de junho a 12 de agosto de 2012.



Fonte: Acervo pessoal.

Ao entrar em um espaço de cultura, todos os elementos presentes colaboram para a recepção e fruição da obra de arte. Nesse sentido, a concepção museográfica determina também a leitura do público. Os textos de apresentação, a disposição das obras, as legendas, a iluminação, a ambientação e, de modo

bastante importante, a recepção por parte dos trabalhadores do espaço são fatores que irão colaborar para a fruição ou não da obra de arte.

O diálogo se estabelece ou não a partir do momento em que a exposição é anunciada. Nesse sentido, textos herméticos, de difícil compreensão, acabam por inibir uma parte do público. Em segundo momento, as formas de atrair e convidar o visitante podem contribuir ou não para que esse sinta-se estimulado a frequentar este evento.

As possibilidades de visitação, as ferramentas oferecidas para que o público sinta-se munido de repertório que o estimule a buscar a experiência com a obra de arte iniciam-se por instâncias além do contato direto na exposição.

Aos espaços de cultura cabe oferecer essas ferramentas. Aos diversos mediadores já citados, no que se refere ao ser humano, cabe a tarefa de instrumentalizar-se para propiciar esse contato. Em se tratando das condições físicas e mecanismos de divulgação, cabe aos gestores ter a consciência do nível de acesso a ser disponibilizado ao público.

A respeito da postura dialógica, pontuo duas situações ocorridas em exposições no Santander Cultural.

A primeira no ano de 2010, com a mostra *Horizonte Expandido*, uma proposição louvável dos artistas do Projeto Areal<sup>12</sup> que trouxe ao público a oportunidade de entrar em contato com artistas que tiveram grande influência na produção artística dos anos 60 e 70 e, da mesma forma, no modo de pensar dos integrantes do referido projeto. Artistas como Robert Smithson, Marina Abramovic, Hélio Oiticica, Ana Mendieta e Joseph Beuys figuraram na mostra que historicamente era um deleite para o público especializado. Estes artistas inauguraram um importante debate sobre as formas de compartilhamento da arte e constituem um vasto repertório plástico e teórico para artistas e estudiosos da arte.

---

<sup>12</sup> Criado no início do ano 2000, o Projeto Areal é um projeto em arte e humanidades cujo principal objetivo é trazer a público trabalhos artísticos, filmes experimentais e publicações dificilmente viabilizados em âmbito institucional. Disponível no material distribuído ao público durante a mostra *Horizonte Expandido* (2010) no Santander Cultural. SANTANDER CULTURAL. Uma conversa com Areal. *Horizonte Expandido*. Porto Alegre, 2010. 1 folder.

Imagem 7 - Mediação a um grupo de estudantes reunidos junto ao espaço da Biblioteca montada no grande *hall* do Santander Cultural. Mostra Horizonte Expandido, 2010.



Fonte: Acervo pessoal.

A proposta pedagógica apresentou-se como um momento intenso de fruição e contato com a arte, propunha a experiência. A visita consistia em percursos espontâneos dos visitantes incentivados a terem sua própria experiência com as obras e em seguida retornarem a um ponto de encontro determinado para discussão com o grupo e mediador. O que me parece uma proposta muito interessante, porém leva-se em consideração o público predominante, que é constituído por escolas da rede pública e privada, e a dificuldade que se concentra na sua falta de ferramentas básicas para a constituição de um repertório acerca do que a mostra trazia. Como despertar o olhar dos estudantes para um homem que cava com o pé um buraco na areia? Como manter o público por duas horas sentado em frente a um vídeo de Joseph Beuys, no qual o artista discorre sobre seu conceito de Escultura Social?

Assuntos muito pontuais de momentos e artistas muito significativos para a arte, mas que necessitavam de um impulso para desencadear a experiência. Nesse sentido, buscou-se um meio termo entre a proposta original e a proposição da Ação Educativa do Santander Cultural. Propor enigmas, tarefas aos grupos para que retornassem com um olhar direcionado a pelo menos uma obra, uma ação, um som, para que a partir daí se pudesse construir um significado para as obras ou pensar a

respeito da existência desse significado, se é possível pontuá-lo ou se a obra está aberta e a cada olhar são produzidos novos sentidos.

No que se refere à montagem da exposição, estava primorosa, mas foram detectadas algumas questões bem pontuais com relação à acessibilidade. As cabines que isolavam o som e colocavam o expectador em contato íntimo com determinada obra impossibilitavam o acesso aos cadeirantes, por exemplo. As legendas eram de difícil leitura para pessoas com baixa visão e os textos curatoriais, vinculados na entrada da mostra, nos folders de distribuição e catálogo eram um tanto herméticos, com termos e referências não acessíveis para a maioria do público. Deixo claro aqui que os textos eram ricos em material de conhecimento, sobretudo referente a discussões sobre a arte contemporânea. No entanto, nem todos poderiam acessá-los pela linguagem utilizada.

Com relação ao material para o professor, foi disponibilizado o mesmo material de distribuição ao público constituído de um folder com a apresentação da mostra, o texto curatorial e uma breve biografia de cada artista, além do glossário, indicação de sites de referência e a programação e um folheto que pretendia familiarizar o público com o Projeto Areal e seu pensamento sobre a arte e a experiência com o público.

Em outra experiência ocorrida no mesmo ano com a exposição *Robert Wilson Video Portraits*, em parceria com o Porto Alegre em Cena<sup>13</sup>, tivemos uma exposição igualmente sofisticada, porém simples no que se referiu à linguagem com o público, museografia e material de divulgação e circulação disponibilizados.

A mostra apresentou videoretratos do artista Robert Wilson, que consistiam em retratos em movimento, filmagens onde os movimentos eram mínimos e exigiam um olhar atento do expectador para a percepção de todas as mudanças da cena com duração de poucos minutos. Nos videoretratos figuravam grandes celebridades do cinema e teatro internacional, atores, escritores, artistas *performers*, assim como um mecânico de automóveis ou uma pantera negra acompanhados de trilhas de compositores consagrados.

Para essa mostra, o projeto pedagógico foi coordenado pela Ação Educativa do Santander Cultural, auxiliado por um acessor pedagógico. A estratégia adotada

---

<sup>13</sup> O Festival Internacional de Teatro Porto Alegre Em Cena é um evento anual realizado pela Secretaria Municipal de Cultura da Cidade de Porto Alegre e em 2012 teve sua 19ª Edição durante o mês de setembro.

foi a visita mediada debatendo acerca de obras pontuais, selecionadas pelo público, a partir das fichas enviadas pelos professores no ato do agendamento, de acordo com o detectado pelo mediador na primeira conversa de acolhimento e a partir do diálogo que era estabelecido com os diferentes públicos.

O material disponibilizado para o professor constou de um caderno direcionado ao professor, com imagens, texto do acessor pedagógico referente à mostra e ao artista, a sinalização das obras e curiosidades a respeito dos personagens que figuravam nos videoretratos, possibilidades de desdobramentos sugeridos, provocações para dramatizar a imagem, glossário de termos, indicação de bibliografia e *links*, além do folder distribuído ao público composto de texto institucional, texto do coordenador do 17º Porto Alegre em Cena, biografia do artista e texto do artista, legendas das obras (que não foram incluídas ao lado dos respectivos trabalhos), glossário e indicação de *links*.

A museografia era simples, com as obras dispostas nas paredes do espaço de exposição, grandes telas de vídeo em alta definição com áudio e vídeo. Próximo às telas não constavam as legendas pela necessidade do contato prévio com as imagens, anterior ao conhecimento dos personagens constantes das cenas exibidas. Assim, as legendas foram disponibilizadas nos folders expostos em *displays* pelo espaço de exposição, fato que para alguns visitantes pareceu incômodo.

No que se refere à linguagem dos textos disponíveis nos folders e parede, embora de nível acadêmico, a linguagem era precisa e direta, o que tornava a leitura acessível.

A respeito dessas duas situações é conveniente salientar a questão da linguagem como um fator que pode atrair ou repelir o público e está expresso tanto na organização da exposição quanto na seleção da mostra e obras, ou textos que a apresentam. Ainda é pertinente à linguagem a postura do recepcionista, do curador, do artista, da Ação Educativa, do mediador e do professor. Todos são agentes que favorecem ou não a experiência dos diversos públicos e, em momentos distintos, todos são público ou mediadores.

Convém retomar Finkelpearl (2001) quando se refere ao diálogo como pertencente a toda relação de comunicação. Dessa forma, possibilitando a abertura para a partilha em oposição ao conflito. Tanto os espaços culturais quanto os agentes que nele atuam ou estão envolvidos no processo de promover o contato com a arte podem optar pela postura dialógica, a qual dá espaço à comunicação.

Inclui-se aí a figura do artista, que pode propor um trabalho que dialogue com o público. Em propostas com essa primazia possibilita-se uma abertura à conversa e atribuição de significados que surgem a partir do diálogo, com o artista, com a obra e entre os agentes.

## 2. A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA NO MUSEU/ GALERIA/ CENTRO CULTURAL



14

### Primeiro contato

Com que expectativas o público visita uma exposição de arte?

Diariamente são recebidos no Santander Cultural grupos de estudantes das mais variadas faixas etárias, nível de escolaridade, localidades geográficas, nível intelectual, social e interesses variados.

O grande público recebido pelo agendamento compreende Instituições de Ensino da Rede Pública e Privada, Universidades, ONGS, Instituições de Apoio a

---

<sup>14</sup> Imagem 8 - Mediação a um grupo em visitação à mostra *Miguel Rio Branco - Ponto Cego*, que aconteceu de 4 de setembro a 11 de novembro de 2012 no Santander Cultural. Fonte: Acervo pessoal.

crianças, jovens e adultos, cooperativas, entre outras instituições parceiras e frequentadoras do Centro Cultural.

As expectativas dos grupos recebidos podem ser definidas a partir de observações realizadas durante o período de atuação como mediadora no referido espaço de cultura, atuação no setor de agendamento e a pesquisa realizada recentemente com o intuito de fazer esse mapeamento. Os visitantes recebidos pelo agendamento correspondem a grupos frequentadores que retornam a cada exposição e para projetos de oficinas e cinema e grupos que conhecem pela primeira vez o Santander Cultural. Nestes ainda temos os grupos locais de Porto Alegre e região metropolitana e grupos de outras cidades ou estados.

Entre os grupos de frequentadores citados é possível afirmar que a visita ao Centro Cultural é motivada em um primeiro momento pelo desejo de entretenimento, uma saída diferente, um momento além da sala de aula, uma experiência em grupo em visita a um local desconhecido, pois se constata na visita que a maioria dos grupos vem despreparada quanto ao que vão conhecer ou visitar, sem o conhecimento de que se trata de um Centro Cultural. Quanto ao conteúdo da mostra que irão acessar, inclusive surpreendem-se por perceber que as exposições não são permanentes.

O desafio da mediação encontra-se inicialmente em situar esse visitante, recebê-lo e acolhê-lo para com ele estabelecer um vínculo que possibilite o diálogo. Em outro grupo situam-se os que são conduzidos por professores frequentadores do Santander Cultural e que trazem a cada mostra novas turmas para a visita e desenvolvimento de suas propostas. No entanto, na maioria das vezes essas proposições não estão vinculadas às ações em sala de aula e situam-se no antes ou depois da visita e dificilmente na própria experiência da visita.

Modos de pensar a mediação como uma experiência propositiva ou a visita como um laboratório para as discussões da sala de aula são debatidos na presente pesquisa. Como estimular a experiência com a obra de arte e o espaço que está sendo apresentado ao público?

Com esse intuito, o centro cultural promove encontros de “Formação para Professores” a cada mostra, a respeito do conteúdo da mesma, para que assim tenha subsídios para realizar seu trabalho. Porém persiste o hábito da visita deslocada, sem foco ou relação com os projetos desenvolvidos em ambiente escolar, fato sobre o qual se busca refletir nesta pesquisa, localizar os motivos pelos

quais ocorrem e como possibilitar uma contextualização ou modos de integração com as proposições feitas no âmbito da sala de aula.

Os encontros direcionados aos professores geralmente contam com um programa que contempla: uma fala introdutória, a presença de um artista da mostra, curadores ou especialistas da área sobre a qual a exposição trata, a visita mediada com a equipe do educativo, conversa sobre possibilidades de desdobramentos a partir do assunto da exposição, apresentação e entrega do material sobre a mostra e avaliação do encontro. Dentro dessa última parte, foi desenvolvido um questionário com o objetivo de coletar relatos escritos e pontuais com relação ao público de professores frequentadores e participantes dos encontros de formação. Esse material foi solicitado aos professores em dois encontros de formação realizados no ano de 2012 no Santander Cultural. Por ocasião da mostra *Italian Genius Now Brasil*, que aconteceu de 6 de junho a 12 de agosto e a mostra *Miguel Rio Branco - Ponto Cego*, de 4 de setembro a 11 de novembro. Os encontros sobre as mostras acontecerem respectivamente nos dias 23 de maio e 14 de setembro.

Imagem 9 - Encontro de Formação para Professores Mostra *Italian Genius Now Brasil* com o professor Carlo Franzato (UNISINOS) e à direita fala da Coordenadora da Ação Educativa do Santander Cultural, Maria Helena Pinto Gaidzinski, para um grupo de professores da cidade de Caxias do Sul.



Fonte: Acervo pessoal.

O questionário foi desenvolvido com o objetivo de avaliar o desenvolvimento do encontro no que se referiu aos assuntos tratados pelos convidados, material entregue ao professor, visita mediada e sugestões de desdobramentos em sala de aula. Também pontuar o modo como os professores iriam conduzir seu trabalho, visitando a exposição, antes, depois, a partir de, em consonância com seus projetos

curriculares. Outro intuito foi o de identificar o nível de formação acadêmica dos profissionais, as áreas nas quais atuam e em que instituições e cidades.

Nos dois encontros, cinquenta participantes responderam às fichas. A partir da análise das mesmas, constatou-se que em sua grande maioria os participantes consideraram como muito positivos os aspectos referentes às falas, material do professor, mediação e desdobramentos. No que tange à condução do trabalho a partir da mostra, tivemos porcentagens próximas dentro de cada modalidade questionada, trabalho com o grupo anterior a visita, posterior a visita, a partir do projeto curricular, unindo as três opções.

Com relação à formação acadêmica, a maioria tem nível superior e especialização. As áreas de atuação dos participantes foram bastante variadas compreendendo as disciplinas de Literatura, Língua Portuguesa, Artes Visuais e Dramáticas, História, Dança, Filosofia, Pedagogia, Matemática, Educação Especial, Coordenadores Pedagógicos, Educação Infantil e profissionais atuantes em mediação em Espaços Culturais.

A partir desse mapeamento, constatou-se a participação de professores de áreas distintas do saber interessando-se pelas exposições e o contexto da arte contemporânea, fator que é bastante relevante pois descentraliza a presença apenas do professor de arte como o responsável pelas idas a centros culturais e evidencia o caráter plural da arte com possibilidade a diversas entradas e exploração a partir de distintas áreas do conhecimento.

Outro dado perceptível relaciona-se ao fato de ainda persistir o deslocamento de professores de uma área de formação para outra de atuação. Assim, nas fichas tivemos respostas indicando que professores com formação em geografia atuam em geografia, arte, ciências sociais, o que evidencia a possibilidade de um ensino inadequado pelo deslocamento de profissionais inaptos para áreas distintas de sua formação.

Um segundo questionário foi desenvolvido com o intuito de avaliar as visitas mediadas, principalmente no que se refere às expectativas dos visitantes com relação à visita e participação do mediador.

Através da análise das fichas de avaliação da mediação, um dos aspectos a serem destacados diz respeito ao fato de os educadores sentirem a necessidade de uma explicação para a obra de arte. Nas afirmações positivas com relação ao mediador que “explica bem” é perceptível essa expectativa, assim como nos

apontamentos a respeito da clareza na condução da fala, segurança, domínio dos conhecimentos, evidenciando esse desejo, o qual seja de um significado para as obras de arte.

Dos quarenta e sete participantes da pesquisa, poucos elogiaram a criatividade do mediador ou apontaram características positivas referentes ao diálogo, à provocação de situações inusitadas, desafios para o grupo ou de momentos em que o saber ou o sentido para a obra de arte foi construído coletivamente. Talvez essas situações não ocorreram. No entanto, pela experiência pessoal de mediação é possível afirmar que sim, elas são provocadas. Em consonância com o pensamento de Hernández (2011) a mediação é conduzida de forma a “possibilitar que as pessoas possam criar relações com as obras” (HERNÁNDEZ, 2011, s.p.). E desse modo, o mediador procura colocar-se na posição de um criador de circunstâncias de encontro. Existe no trabalho desenvolvido pela Ação Educativa o desejo de passar, de encontrar o significado das obras a construir esse significado (Hernández, 2011) e, do mesmo modo, provocar nos professores esse desejo, o de aventurar-se com seus educandos em situações que não são conhecidas a ele nem ao grupo, investir em uma exploração durante a experiência de visita a espaços culturais.

O mediador de centros culturais recebe formação específica e ferramentas teóricas e práticas para desenvolver o trabalho da mediação, estimular o diálogo e a descoberta de outras possibilidades a partir do contato que os visitantes têm com as obras de arte. Mas, também a este profissional apresentam-se situações de incerteza proporcionadas pelas descobertas a que se aventura com o público que recebe. A abertura para que esses encontros ocorram é fundamental para a construção de sentido para a obra de arte e a ampliação do olhar a partir de concepções pessoais que se extrapolam no momento do contato e diálogo, reflexão e análise cercada de eventos da história da arte, saberes que cada visitante traz e a troca no momento da mediação.

Ainda com relação a desdobramentos, outro aspecto destacável refere-se às respostas de ações a serem desenvolvidas após a visita em que se percebem apontamentos para a releitura das obras, reprodução do visto na exposição através de desenho, fotos, objetos. Os comentários ficaram distribuídos entre destacar o que chamou mais atenção na mostra, realizar releituras das obras e propostas de criação, construção de algo novo, de desenvolvimento de um objeto ou uma ação a

partir do discutido na visita. O que se mantém no procedimento dos professores é a dita “releitura de obra”, muito apreciada pelos pais e instituições de ensino formal de arte e confortável para os professores, pois essa técnica aplicada em sala de aula assegura um resultado imediato e “bonito”, no entanto faz-se necessário o momento para a reflexão, a produção de um saber, a experiência. Por que é preciso sempre ter um resultado final plástico, matérico, visual?

Ao tratar da experiência, Dewey (2010) menciona que “temos uma experiência *singular*<sup>15</sup> quando o material vivenciado faz o percurso até sua consecução” (DEWEY, 2010, p. 109). A partir do conceito de experiência *singular* proposto pelo autor convém pensar os momentos oportunizados no contato com a obra de arte, com os espaços de cultura e as reflexões em sala de aula, como possibilitadores da experiência.

Ao propor o deslocamento do espaço convencional de ensino para o local onde é possível o encontro com a obra de arte o professor abre inúmeras possibilidades para a experiência que se apresentam no contato com a instituição, com as obras de arte, com os profissionais atuantes nesse espaço, com os possíveis desdobramentos dessa ação, as reflexões frente à obra ou após esse contato e os questionamentos gerados por esses movimentos.

Ter uma experiência com a obra de arte consiste em realizar uma ação do início ao fim, “conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação” (DEWEY, 2010, p. 110), desse modo existe um objetivo ao deslocar-se para outro ambiente, ou propor uma ação, uma reflexão, e, quando a ação proposta é realizada e concluída satisfatoriamente, ocorre a experiência.

Para muitos a experiência ocorre pelo deslumbramento ou modo como são surpreendidos pelo local que abriga a obra de arte ou pelo impacto que esta causa, eventos que possibilitam uma mudança de estado do antes para o após esse contato. Outros vão sendo mobilizados pela condução e qualidade de situações e desafios a que são expostos ou oportunizados a participar. A mediação em uma exposição de arte é um momento onde são estabelecidas as relações entre o grupo que observa e dialoga com a obra de arte, entre esse grupo e o mediador, com o espaço onde a obra está exposta, com o professor e entre todos os agentes. O momento da experiência é individual e concernente à apreensão de cada um,

---

<sup>15</sup> Grifo do autor.

podendo localizar-se no após a visita nas reflexões, diálogos ou ações que possam surgir dessa ação proposta. A vivência da mediação será tratada com maior ênfase no subcapítulo que segue.

### **A mediação: experiência do mediador/ experiência do professor**

Imagem 10 - Mediação de um professor com seu grupo na mostra *O Triunfo do Contemporâneo – 20 anos do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande de Sul*, realizada de 6 de março a 22 de abril de 2012 no Santander Cultural.



Fonte: Acervo pessoal.

Como já referido, muitos são os fatores que influenciam na experiência que o público possa ter com a obra de arte. Eles estão situados desde a concepção da mostra até o contato direto com a obra de arte na exposição. A exposição inicia no momento em que é escolhida a proposta, a partir de então o trabalho da Ação Educativa - especificamente o desenvolvido no Santander Cultural - consiste na elaboração da proposta pedagógica, estudo dos textos curatoriais, pesquisa sobre os artistas, sobre a concepção da mostra, da curadoria e da museografia, elaboração do projeto pedagógico, das propostas de mediação e formação de professores e público. Todos esses fatores estão implicados em nossa atuação como mediadores. Mas o momento mais importante se dá no contato direto com

cada grupo que é recebido para a visita mediada. Nessa ação também estão envolvidos alguns fatores que podem determinar a qualidade da experiência dos visitantes.

No acolhimento procura-se estabelecer o primeiro elo com o grupo através de uma sondagem rápida sobre de onde esse público chega. Entende-se esse reconhecimento como um tatear, de onde vêm, como se deslocaram até o espaço de visitação, o que viram pelo caminho, são questões com vistas a depreender o foco do público que chega e como este percebe o mundo ao seu redor, e então, pensar em como estabelecer com eles esse laço. Em seguida, a recepção busca situar os visitantes sobre o espaço que estão conhecendo, no caso do Santander Cultural, um prédio suntuoso onde a arquitetura se impõe, o que pode colaborar muito para a experiência quando esse aspecto é levantado, e àquele que chega é dado o conhecimento a respeito da história desse local e os espaços por onde transitarão durante a visita. Dá-se ao visitante a possibilidade de saber o que se localiza em cada ponto e pode ser visto.

A partir de então, o foco passa a ser a mostra e procura-se buscar as expectativas de quem chega, o que os motivou à visita, que conhecimento têm da mostra ou assunto da mesma, se já visitaram outras exposições no local, para que possam perceber as mudanças expográficas, a luz, o som, o ambiente. Essa conversa inicial é uma tentativa de conhecer o grupo visitante e com ele estabelecer um diálogo que será condutor da visita, tanto do percurso quanto da atribuição de significados para as obras, para a museografia e questionamentos sobre as posturas curatoriais, dos artistas e da própria instituição. Cada mediação é conduzida em função das características do público recebido. Para grupos de Educação Infantil e Ensino Fundamental ocorre também a proposição de jogos ou desafios durante a mediação com o intuito de tornar a experiência prazerosa e interessante.

Imagem 11 - Mediação com um grupo de estudantes em visita a mostra *Italian Genius Now Brasil*, realizada de 6 de junho a 12 de agosto de 2012, no Santander Cultural. Na imagem o grupo joga o *Jogo do Design* desenvolvido pela equipe educativa.



Fonte: Acervo Santander Cultural.

Fato estimulante e desafiador na mediação é que, a cada percurso, se estabelece uma nova rota partindo do foco de cada grupo, e a cada encontro são postos novos olhares, são lançadas novas possibilidades de pensar as obras e a exposição. Essas múltiplas visões evidenciam a característica da obra de arte como aberta, passível de infinitas elaborações. Em momentos de troca é que se percebe a efetiva experiência com a obra de arte, no momento em que ocorre a ligação entre o olhar e o que é visto. Essa sensação pode ser exteriorizada através de uma fala, uma provocação, um questionamento ou o silêncio e é importante respeitar o momento de cada indivíduo.

No livro “O que vemos o que nos olha”, o autor Didi-Huberman, em uma citação de Joyce coloca que: “(...) ver só se pensa e só se experimenta em última instância numa experiência de tocar (...)” (DIDI-HUMERMAN, 1998, p. 31) e tocar aqui pode referir-se ao tato, mas também ao encontro. “Olho” algo, quando isso me toca, me “olha”.

Tanto em experiências cotidianas quanto artísticas, nosso “olhar” é preso quando algo nos toca, quando nos encontramos nesse objeto ou nessa situação que pode gerar atração ou repulsa porque nos “olha”, nos atrai de forma que não podemos evitar esse “olhar”.

Em uma situação de mediação, ao propor um percurso e um diálogo com o grupo recebido, a atração do “olhar” é um dado curioso. O modo como uns trabalhos têm o poder de atrair o grupo diferente de outros, o momento em que entram no espaço de exposição e, sem qualquer indicação, são atraídos por uma ou outra obra, ou então o momento em que um membro desvia do grupo atraído por um “olhar”, situações que levam a refletir sobre a importância de permitir esse encontro. E aí a importância e o sentido de mediar, talvez mais em estar presente e dar ferramentas para que a experiência com a obra aconteça a partir desse primeiro encontro do “olhar” que em tentar conduzir o “olhar” para algo que não “o olha”.

Martins (2010) pensa na mediação como um “estar entre muitos”, conceito que a autora tem utilizado para superar a situação dual da mediação compreendida como ponte:

“Estar entre muitos” implica perceber cada um que trazemos ao museu, seja nossos alunos, amigos ou familiares. Ouvir os desejos por melhor apreciar determinados objetos, obras ou conceitos, abrir um espaço de silêncio para que as sensações pessoais possam ser percebidas, provocar a rica troca entre os olhares e saberes de cada um, pode ampliar o contato com a arte. (MARTINS, 2010, p. 119-120).

Desse modo, ao permitir a aproximação e a voz do visitante lhe é dada a oportunidade de, a seu modo, entrar em contato com a obra de arte e ter a sua experiência. Os pontos que dão acesso a essa situação são distintos de indivíduo para indivíduo. Por isso, mediar requer perceber, estar atento, presente e aberto a também viver uma experiência, potencializando-a aos outros.

Junto aos grupos estão os educadores, os responsáveis pela oportunidade de vivência da arte para os educandos. O que move cada professor ou orientador a visitar um espaço de arte é o desejo da relação. Em grau maior ou menor de interesse ele pretende oferecer aos seus educandos essa experiência em contato direto com a obra de arte. “Em uma experiência o fluxo vai de algo para algo” (DEWEY, 2010, p. 111), o professor estimula seu aprendiz a partir de ações prévias

ou pela simples expectativa do deslocamento, permitindo que esse esteja predisposto ao contato, à relação. A qualidade dessa relação dependerá de fatores variáveis que vão da postura do mediador, professor e do centro cultural como um todo a aspectos interiores muito particulares, que dizem respeito a cada indivíduo, à qualidade de seu interesse por estar nesse local, sua atenção e propensão para a relação, o diálogo que possa ser estabelecido. A forma como cada um vive, a experiência é peculiar e única. Estando aberto ao encontro, o fruidor da arte terá a possibilidade de deslocar-se do estado que chegou para um estado diferente que a obra possa lhe proporcionar, tanto por atração quanto por desestabilização, incômodo.

### **A vivência da mediação: experiência do mediador**

Imagem 12 - Mediações a grupos de estudantes em visita as mostras *Italian Genius Now Brasil* e *Miguel Rio Branco Ponto Cego*, Santander Cultural, 2012.



Fontes: Acervo Santander Cultural e acervo pessoal.

Ao observar situações de mediação no Santander Cultural, é possível perceber comportamentos recorrentes tanto nos grupos de estudantes quanto entre os professores. De modo geral, os grupos chegam ao espaço sem o conhecimento da exposição que irão visitar e em algumas situações sem conhecer o prédio ou ter informações sobre o mesmo. Nesses casos, o momento de recepção e familiarização do grupo com o espaço e a situação que irão vivenciar é um ponto a ser priorizado na mediação.

Igualmente é incômodo o fato de que o responsável pelo grupo e pelo agendamento conduza o mesmo a um espaço sem o prévio conhecimento deste ou da exposição e sem um planejamento de ação para a visita. Porque deslocar-se até o centro cultural? O que se pretende ao levar um grupo de estudantes a um espaço desconhecido e cujo material a que os estudantes serão expostos é ignorado? São questionamentos feitos internamente e que são externados ao grupo no momento em que é detectado esse desconhecimento.

O que vocês vieram fazer aqui? Para que estão aqui hoje? O professor falou com vocês sobre a exposição que vocês vão ver?

São questionamentos que pretendem tatear o público para a condução da visita, mas também que pretendem despertar no condutor do grupo um olhar para seus objetivos, “afinal porque estamos aqui?”.

Como bem refere Hernández (2000), é importante pensar no que está sendo oferecido aos estudantes, de que forma esse conteúdo pode servir-lhes, “O que nossos alunos aprendem deles mesmos e do mundo que os rodeia? Onde projetar os níveis de complexidade compreensiva que poderiam estar presentes nas diferentes atividades realizadas pelos alunos?” (HERNÁNDEZ, 2000, p. 31).

Ao propor essa reflexão, é válido o pensamento acerca de ter um objetivo concreto para a condução de um grupo a um espaço de cultura. Tendo estes como “laboratórios de conhecimento de arte” (BARBOSA, 2011), é importante a consciência de que, os estudantes são levados aos laboratórios de química, por exemplo, com objetivos e preparo prévios, e porque isso é negligenciado em relação a visita à arte?

Para que se possa ter um olhar crítico e questionador, que investigue e descubra camadas, que possa ir além do que é apresentado pelo espaço de cultura, pela instituição e até mesmo pelo mediador, o professor e o grupo necessitam de informações e estudos anteriores, como em qualquer experiência nas mais diversas disciplinas. Determinadas atividades requerem preparo para serem eficientes e promoverem um aprendizado.

Uma situação vivenciada na mostra *Ponto Cego de Miguel Rio Branco*<sup>16</sup> demonstra como esse despreparo pode prejudicar a visita no sentido de não

---

<sup>16</sup> A exposição aconteceu no Santander Cultural de 4 de setembro a 11 de novembro de 2012.

aproveitamento do tempo, disponibilidade e deslocamento dos estudantes a um espaço cultural.

A mostra de Miguel Rio Branco apresentou conteúdo de grande intensidade crítica quanto a temas sociais, contemplando imagens que abordam questões referentes ao corpo, à prostituição, economias precárias e excludentes, o que surpreendeu um grupo de professores que trouxe para visita à mostra estudantes do Ensino Fundamental Inicial. Os educadores, sem o conhecimento da mostra, não tinham a consciência do teor das imagens. Chegaram ao espaço sem agendamento. Ao serem informados sobre o que tratava a exposição ficaram um pouco surpresos e sem orientação sobre como proceder. Para que o grupo pudesse ter algum tipo de experiência sugerimos um percurso respeitando as limitações indicadas pela professora e traçamos um roteiro para que essa pudesse conduzir seu grupo. Fizeram a visita, conheceram o espaço, no entanto que tipo de apreensão teve o grupo com relação ao conteúdo da mostra? Que experiência foi essa?

Nas mediações realizadas durante a mostra aconteceram momentos de intensa discussão e reflexão acerca dos temas tratados pelo artista. Os grupos recebidos abrangiam diferentes idades e níveis de escolaridade e as visitas e percursos foram conduzidos de acordo com o perfil e interesse de cada grupo e educadores. As imagens de conteúdo explícito revelavam uma faceta da sociedade, muitas vezes oculta que gerava polêmica e estranhamento, mas que, ao mesmo tempo, possibilitou um diálogo intenso e o apontamento para questões diversas partindo de questões formais a questões particulares ou sociais. Entre os educadores e condutores dos grupos foi recorrente uma postura de espectador, com pouca interferência e muita expectativa com relação à fala do mediador. Nos grupos se percebia de início o estranhamento, às vezes a crítica a um modo de arte, uma fotografia “feia”, “triste”, que não entendiam como arte, que lhes causava desconforto, mas que ao mesmo tempo gerava questionamentos. Surgiram novos pontos de vista, modos de entrada para a obra, observações de elementos que nem a nós, que estávamos dia a dia com o trabalho, eram visíveis.

Uma experiência muito intensa aconteceu com um grupo de taxistas que visitou o espaço conduzido pela orientadora de um curso de aperfeiçoamento oferecido ao grupo. Seu objetivo era levar os profissionais a conhecer espaços de cultura e oportunizar a visita a estes espaços. Ao longo da mediação fomos

construindo um diálogo que tocava aspectos formais, sociais e trazia questões e posicionamentos dos membros do grupo. A orientadora havia se informado sobre a exposição e conhecia o espaço por ter visitado em outras mostras, com outros grupos. Embora não tivesse grande conhecimento do artista e temática da exposição, sua postura e a do grupo, de abertura para o ver e perceber os detalhes, as camadas do trabalho, permitiu que construíssemos ao longo do percurso reflexões e apontamentos relacionando nossas experiências com o que o artista nos apresentava.

A mostra apresentava diversas posturas mediadoras, a museografia, a seleção e disposição das obras pensadas e supervisionadas pelo artista e curador, a estratégia da equipe educativa, os textos e o material oferecido ao público. Todos conduziam para a seriedade com que foram construídos os cinquenta anos do trabalho de Miguel Rio Branco ora apresentados na exposição.

Nesse sentido o “estar entre muitos” (MARTINS, 2010) se fez presente e importante:

“Estar entre muitos” é gerar conversas que ampliem as significações, os pontos de vista que provocam diferenças, seja do mediador, do professor e do público, como também do curador, do desenho museográfico, dos textos nas paredes, da recepção silenciosa dos que estão “guardando” a instituição cultural. “Estar entre muitos” é recheiar a conversa também com os pontos de vista dos teóricos que escreveram sobre o que ali vemos ou pensamos sobre arte e que nos alimentaram e fundamentaram nossos próprios saberes, com os textos escritos na mídia sobre a exposição (...). (MARTINS, 2010, p. 120).

A recorrência às diversas falas a respeito da mostra e com especial atenção para a fala do espectador norteou as mediações e colaborou para experiências de aprofundamento e troca. O grupo de taxistas não era formado por assíduos frequentadores da arte, mas por pessoas sensíveis e dispostas a ver e elaborar questionamentos e posicionamentos. Isso nos levou a termos uma experiência ou pelo menos estivemos próximos. Posso afirmar que eu tive uma experiência com esse grupo.

Em outra situação pude observar uma professora ao final da visita. Em conversa com o grupo que conduzia ao espaço, levantou pontos e questões da mostra que até então estavam na sombra para mim. Teceu relações e clareou

situações postas pelo artista que colaboraram para a minha condução. Do mesmo modo, fez apontamentos para questões que vinha trabalhando em sala de aula com o grupo e ouviu a fala do grupo, promoveu um diálogo cruzando experiências anteriores em andamento e o contato com a obra do artista, mais a fala do mediador, do grupo e suas constatações.

### 3. OLHAR SOBRE UMA PRÁTICA



17

Neste capítulo pretendo discorrer sobre uma prática realizada com duas turmas de estudantes do terceiro ano do Ensino Fundamental com as quais trabalhei no início do ano de 2012 no Colégio Israelita Brasileiro, dentro de um projeto intitulado *Lixo também pode ser arte*, assunto proposto pela professora que me antecedeu e projeto pensado e desenvolvido por mim durante o período de três meses compreendidos entre maio a julho.

O projeto *Lixo também pode ser arte* foi desenvolvido no segundo trimestre de 2012 junto às turmas de terceiro ano do Ensino Fundamental a partir do lançamento do projeto pela professora Cristine Lago Sanders Klar, em consonância com o projeto desenvolvido na escola em torno do tema *Projeto de Empreendedorismo - O 3º ano e os três Rs* com o foco em sustentabilidade, abordando a questão da racionalização, redução e reciclagem do lixo na escola e na cidade.

---

<sup>17</sup> Imagem 13 - Mediação ao grupo de estudantes do terceiro ano do Ensino Fundamental do Colégio Israelita Brasileiro, com o qual trabalhei no início do ano de 2012, em visitação à mostra *Italian Genius Now Brasil*. Santander Cultural, 2012. Fonte: Acervo Santander Cultural.

O projeto iniciou com a apresentação dos artistas Vick Muniz e Arthur Bispo do Rosário e seus trabalhos com materiais não convencionais e de descarte. O objetivo era pensar na potencialidade de materiais que descartamos, conhecer poéticas que utilizam esses elementos e levantar questões a respeito de que materiais são os próprios para uso na arte em como na contemporaneidade os produtos sofisticados cedem espaço a materiais simples e geram propostas atuais e poéticas.

A proposta iniciou com o uso de materiais simples e de descarte: livros velhos, papéis variados, filtros de café usados, grãos de café, tinta produzida com café, materiais variados para desenho e uso do desenho, recorte, colagem e sobreposição.

O primeiro trabalho foi a *Pintura com café*.

Imagem 14 - Alunos das turmas T31 e T32, Colégio Israelita Brasileiro, trabalhando em ateliê.



Fonte: Acervo pessoal.

A partir do trabalho realizado com esses materiais, tivemos uma aula sobre curadoria, na qual os estudantes puderam realizar a seleção e organização dos trabalhos a serem expostos no painel do Ensino Fundamental.

Imagem 15 - Discussões para a realização da curadoria.



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 16 - Resultado da seleção feita pelo grupo para a organização do mural.



Fonte: Acervo pessoal.

Ainda dentro do projeto trabalhamos com os cheiros, assunto desencadeado pelo aroma do café usado na primeira proposta. Para essa atividade elaboramos a *Tabela dos cheiros* que remetia a memórias do grupo sobre cheiros agradáveis e desagradáveis. Na sequência a tabela tornou-se um livro.

Desenvolvemos os desenhos dos cheiros em papel tetrapac a partir das caixas de leite trazidas pelo grupo, aí explorando materiais alternativos como suporte.

Imagem 17 - Trabalhos sobre cheiros agradáveis e desagradáveis em suporte de caixa de tetrapac e tinta têmpera.



Fonte: Acervo pessoal.

No início do projeto foi solicitada a coleta de embalagens descartadas, as caixas de tetrapac, que geraram os desenhos em negativo, e que cada um fizesse uma coleção com produtos de descarte que eles elegessem.

Com os produtos da coleção de cada um, realizamos trabalhos que propunham um pensamento sobre a arte efêmera, criações que tem a duração de uma ação e o que fica é o registro. No caso, os grupos montavam suas criações nas mesas. Essas eram registradas e em seguida o material era recolhido. A partir dessas montagens surgiu a ideia de trabalharmos com representação dos objetos, escala e alteração dessa escala, perspectiva, pontos de vista.

Imagem 18 - Trabalhos e montagens desenvolvidos a partir das coleções.



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 19 - Trabalhos e montagens desenvolvidos a partir das coleções, T32.



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 20 - Trabalho com desenho explorando, escala, ponto de vista, luz e sombra, material das coleções.



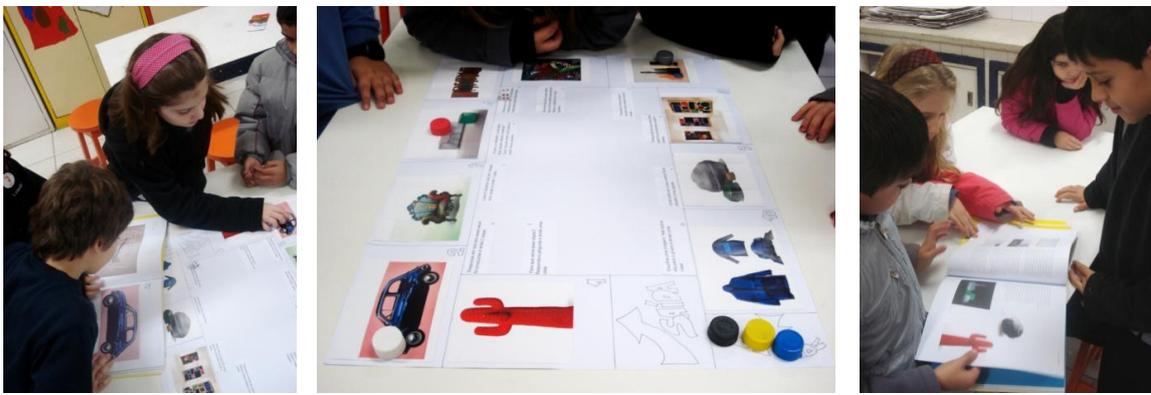
Fonte: Acervo pessoal.

Em consonância com o projeto surgiu a ideia de levar o grupo ao Santander Cultural para continuar as discussões propostas em sala de aula. A partir do que vínhamos conversando sobre uso de materiais não convencionais na produção de arte, sobre produtos descartáveis e sua reutilização, sobre ações de curadoria e subversão dos materiais, considerei interessante que visitássemos a mostra “Italian Genius Now Brasil”, pois a mesma, ao contar a história do *design* italiano, trazia uma

série de trabalhos que apontavam para o que vínhamos trabalhando. Questões relacionadas à reapropriação e reutilização de materiais na arte, subversão do uso desses materiais, pensamento a respeito da criação artística e questões de curadoria que poderíamos discutir no espaço de exposição.

Dessa forma realizamos em aula do *Jogo do design* para familiarizar o grupo com a exposição antes da visita.

Imagem 21 - Jogo do *Design* elaborado e desenvolvido com o grupo anteriormente a visita ao Santander Cultural.



Fonte: Acervo pessoal.

Imagem 22 - Visita a exposição *Italian Genius Now Brasil*, Santander Cultural.



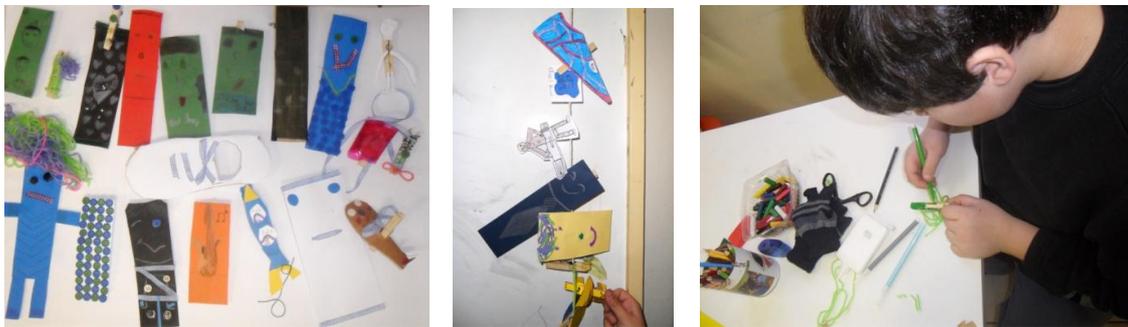
Fonte: Acervo pessoal.

Após a visita, retomamos as questões propostas pelo projeto, as quais sejam repensar os usos dos materiais bem como o seu potencial, tanto para a indústria quanto para a arte, reflexões acerca de que materiais servem para uso na

arte e questões suscitadas pela visita que circundaram assuntos referentes à proposta do curador e o que o público percebe, a arte sendo absorvida pela indústria e gerando objetos com apelo maior de consumo ou de decoração e desejo.

Em seguida foi lançada a proposta de subversão do uso de um objeto comum a partir de experiências visuais na exposição, como repensar um uso para um prendedor de roupas de madeira.

Imagem 23 - Proposta na qual o grupo pensou em novos usos para o prendedor de roupas.



Fonte: Acervo pessoal.

As propostas realizadas em nossas aulas de arte, ao longo do projeto, foram motivadas por um assunto disparador, o tema do projeto, e a cada encontro foram sendo desenvolvidas propostas dentro do que o assunto e o grupo solicitava. O projeto aconteceu como um processo. As ações desenvolvidas não foram exatamente as planejadas, e sim as solicitadas pelo processo.

O contato com o trabalho da artista Anna Marie Holm<sup>18</sup> foi norteador do meu pensamento em ateliê e os assuntos que iam sendo desenvolvidos no curso de Especialização em Pedagogia da Arte eram uma nuvem sempre sobre minha cabeça. Foi um período de grande efervescência onde ponderei minhas convicções sobre a arte e o ensino da mesma, as teorias a esse respeito e as necessidades do grupo que estava atendendo.

Holm afirma: “se dermos às crianças a mesma liberdade no processo artístico que lhes damos em suas brincadeiras, as crianças chegarão à excelência no aprimoramento do processo criativo” [...] “As crianças são curiosas, pesquisadoras, mergulham nos projetos” (HOLM, 2005, p. 9). A partir desse

<sup>18</sup> Anna Marie Holm (Dinamarca, 1951) é artista e membro da Sociedade Dinamarquesa de Autores. Tem trabalhado com o desenvolvimento artístico e criativo das crianças.

pensamento procurei oferecer materiais estimulantes e liberdade para a criação e o processo de cada um, em consonância com a proposta norteadora e a reflexão sobre a arte.

Felizmente, tivemos uma experiência bem sucedida e a culminância do projeto com a visita ao Santander Cultural foi decisiva para o fechamento e a experiencição das proposições em sala de aula. Percebi o grupo deslumbrado, curioso e participativo quando em contato com o espaço e as obras de arte que já tinham visto em sala de aula através de imagens. Ouvi comentários como: “Esse foi o melhor passeio da minha vida!”

Esse contato permitiu uma reflexão posterior acerca do projeto, da visitação, da experiência com a obra de arte e em um espaço de arte.

Foi possível constatar a partir dessa proposta de deslocamento da sala de aula para um espaço de exposição que ações como essa conduzem o trabalho para uma vivência das propostas de ateliê ou sala de aula. Em contato direto com a exposição e os espaços da arte temos a possibilidade de demonstrar questões pontuadas em aula. O grupo internaliza as porpostas a partir dessa experimentação concreta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após inúmeras pontuações e reflexões a partir de experiências com a mediação e amparo de teóricos de campos diversos do conhecimento, chegando às considerações finais, convém ressaltar a importância de se pensar no papel do mediador diante da proposta de um professor atuante e participativo. Entendo este mediador assumindo o papel dito por Martins (2010) do “estar entre muitos”, nesse sentido tornar-se um agente a colaborar para o processo da relação do espectador com a obra de arte, utilizando-se de todos os meios disponíveis no espaço, nas obras, nos diálogos, nas teorias com as quais a obra possa relacionar-se e de modo muito importante com o professor, também um mediador, conhecedor do seu grupo e sabedor de seus interesses e objetivos em visita à exposição.

Nesse sentido, faz-se importante a tomada de postura do professor que vai em busca do conhecimento, respeita o momento reservado para essa experiência dando-lhe devido valor, preparando-se e preparando seu grupo para o encontro com a obra de arte. Assim, a visita à exposição torna-se uma extensão de suas propostas em sala de aula e colabora para o que propõe e busca ao promover o deslocamento para o espaço de exposição.

De igual modo é importante pensar no material oferecido ao professor para sua preparação e conhecimento sobre as exposições para que assim possa decidir por oferecer determinada experiência aos seus alunos. Dessa forma, um canal de permanente contato com os educadores apresenta-se como uma forma eficaz e prática para aqueles que buscam a informação e conhecimento. Essas ferramentas já são oferecidas pelo espaço do Santander Cultural tratado na presente pesquisa, no entanto é possível se pensar em formatos mais dinâmicos e contínuos que ofereçam o conhecimento e o suporte ao público que por ele possa buscar.

Diante do estudo desenvolvido e das constatações feitas manifesta-se o desejo de explorar junto aos grupos de professores o pensamento acerca da experiência, de pensar nas visitas às exposições de arte como oferecimento de possíveis relações e descobertas com as obras de arte. Colocar-se em contato, permitir o contato e refletir sobre o contato que é estabelecido diante da obra de arte.

Para o campo da arte e do ensino da arte ficam contribuições acerca dessas reflexões e apontamentos de questões ainda em aberto e passivas de estudos e aprofundamentos.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. Educação para as Artes Visuais: do MAC USP ao balanço da Águas. In: ARANHA, Carmen S. G.; CANTON, Katia. (Orgs.). *Espaços da Mediação - Estratégias do Ensino da Arte Contemporânea em Museus e Instituições Culturais*. São Paulo: PGEHA/ MAC USP, 2011, pp. 63-83.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHILVERS, Ian. *Dicionário Oxford de Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- DALLA ZEN, Laura Rabckost. *O dispositivo pedagógico da arte*. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 108 p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- DANTO, Arthur C. *Após o fim da Arte: a arte contemporânea e os limites da história*. São Paulo. EDUSP: Odysseus, 2006.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: M. Fontes, 2010.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Artes Visuais. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br>>. Acesso em: 23 set. 2012.
- FINKELPEARL, Tom. Entrevista – Paulo Freire: uma discussão sobre o diálogo. In: HERGUERA, Pablo (Org.). *Caderno de Mediação – 8ª Bienal do Mercosul*. Tradução de Camila Pasquetti, Clara Meirelles, Gabriela Petit, Mônica Hoff e Natália Lucas. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.
- FLETCHER, Harrell. Algumas ideias sobre arte e educação. In: CAMNITZER, Luis; PÉREZ-BARREIRO, Gabriel (Orgs.). *Educação para a Arte/ Arte para a Educação – 6ª Bienal do Mercosul*. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009.
- FUNDAÇÃO Bienal do Mercosul. Disponível em: < <http://bienalmercosul.org.br/> > Acesso em: 27 set. 2012.
- HELGUERA, Pablo (Org.). *Caderno de Mediação – 8º Bienal do Mercosul*. Tradução de Camila Pasquetti, Clara Meirelles, Gabriela Petit, Mônica Hoff e Natália Lucas. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Palestra. In: Em nome das Artes ou em nome dos Públicos. Conferência da Fundação Caixa Geral de Depósitos Culturgest, 2011,

Lisboa. Disponível em:  
<<http://conferencia3e.blogspot.com.br/p/documentacao.html>>. Acesso em: 20 set.  
2012. Anotações pessoais. Não paginado.

HOLM, Anna Marie. *Fazer e pensar arte*. São Paulo: MAM São Paulo, 2005.

MARTINS, Miriam Celeste. Aprendizes da arte, mediadores e professores: olhares compartilhados? In: SANTOS, Anderson Pinheiro (Org.). *Diálogos entre Arte e Público*: caderno de textos, v. 3. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2010.

SANTANDER CULTURAL. *Robert Wilson Video Portraits*: catálogo da mostra. Porto Alegre: Santander Cultural, 9 de setembro a 5 de dezembro de 2010.

SANTANDER CULTURAL. Horizonte Expandido. Porto Alegre, 2010. 1 folder.

SANTANDER CULTURAL. Uma conversa com Areal. Horizonte Expandido. Porto Alegre, 2010. 1 folder.

SANTANDER CULTURAL. Robert Wilson Video Portraits. Porto Alegre, 2010. 1 folder.

SANTANDER Cultural. Disponível em: <<http://www.santandercultural.com.br>>  
Acesso em: 27 set. 2012.

VIANA, Nildo. *A esfera artística: Marx, Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

SANTANDER CULTURAL. *Horizonte Expandido*: catálogo da mostra. Porto Alegre: Santander Cultural, 26 de maio a 15 de agosto de 2010.